

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA PROPOSTA

Armando de Oliveira Silva (UEMS)

luaarmando.linguistica@gmail.com

RESUMO

A língua portuguesa é considerada a sexta língua mais falada do mundo e a quantidade de seus falantes não para de crescer, segundo Batista e Alarcón (2013). O mundo contemporâneo, assim como na era de Camões, vê a língua portuguesa despontar não só nos países lusófonos – como costumava –, mas também em diversos países, uma vez que seu valor econômico e cultural tem aumentado no mercado linguístico atual de acordo com Mendes (2014). O português vai se tornando assim uma língua mais internacionalizada e falada por estrangeiros de todas as partes, daí a definição de Português como Língua Estrangeira (PLE). A procura pelo ensino de PLE ganha espaço no cenário internacional e nacional, segundo Almeida Filho (2012). Nesse ínterim, surge o professor de PLE o qual Batista e Alarcón (2013) definem como aquele que “inicialmente quer dizer ensinador da língua portuguesa a quem pertence a outros espaços de língua e deseja conviver também no espaço da macro língua-cultura portuguesa”. Desse modo, a formação profissional do professor de PLE parece ser ponto crucial para que uma língua estrangeira (LE) não seja ensinada como uma língua materna (LM). Corroboramos com a ideia de Almeida Filho (2005) de que o curso de formação inicial em Letras não fornece conhecimento prático e teórico aos seus professores aprendizes por não possuir, em sua grade, uma disciplina específica de PLE. A metodologia utilizada neste trabalho é bibliográfica, uma vez que busca – nos trabalhos científicos de pesquisadores da área – explicações para tal fenômeno. Por fim, como uma possível solução para tal desafio, este artigo conclui que a formação específica em PLE seja realizada na própria escola e na relação entre professores antigos e novos (ANTÓNIO NÓVOA, 2009), e no formato de comunidades de prática (CDPs) de Lave e Wenger (1991).

Palavras-chave:

PLE. Formação Docente. Comunidades de Prática.

1. Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar uma possível proposta de formação docente no que tange ao ensino da língua portuguesa como língua estrangeira (PLE). Para efeitos de localização, o PLE se insere na grande área de Linguagem que, por sua vez, se ramifica em Linguística Aplicada (LA). É na LA e na subárea de Ensino/Aprendizagem de Línguas que o PLE se encontra. Autores como: Mendes (2014), Batista e Alarcón (2013) e Almeida Filho (2005; 2012) têm se debruçado nas questões de PLE e esses serão elucidados neste trabalho.

A língua portuguesa é considerada a sexta língua mais falada do mundo e a quantidade de seus falantes não para de crescer, segundo Batista e Alarcón (2013). O mundo contemporâneo, assim como na era de Camões, vê a língua portuguesa despontar não só nos países lusófonos – como costumava –, mas também em diversos países, uma vez que seu valor econômico e cultural tem aumentado no mercado linguístico atual de acordo com Mendes (2014). O português vai se tornando, assim, uma língua mais internacionalizada e falada por estrangeiros de todas as partes, daí a definição de Português como Língua Estrangeira (PLE). Almeida Filho (2005) define Língua Estrangeira (LE) como: “uma outra língua e cultura a ela associada pela qual se desenvolve um interesse particular institucionalizado (escolar) em conhecê-la ou em aprender a usá-la”.

2. As especificidades do ensino de PLE

A partir do pano de fundo trazido no capítulo anterior, é notável que a busca pelo ensino de PLE ganha espaço no cenário internacional e nacional, segundo Almeida Filho (2012). Nesse ínterim, surge o professor de PLE o qual Batista e Alarcón (2013) definem como aquele que “inicialmente quer dizer ensinador da língua portuguesa a quem pertence a outros espaços de língua e deseja conviver também no espaço da macro língua-cultura portuguesa”. Depreende-se, do trecho anterior, que o professor de PLE tem como missão a inserção de indivíduos à comunidade lusófona. E, no que concerne ao papel do professor de PLE, é consensual entre pesquisadores da área como: Batista e Alarcón (2013), Mendes (2014) e Almeida Filho (2005) que o professor de PLE tem funções outras das do professor de língua materna (LM).

Produzir o ensino de uma língua estrangeira é viabilizar o conhecimento sobre (ou estudo de) uma outra língua e/ou sua aquisição num ambiente formal institucional, mediante uma operação com dimensões distintas orientada por uma abordagem/filosofia vigente que pode ser espontâneo tradicional, formalmente explicitada e calcada em pressupostos teóricos, ou em combinações intermediárias dessas duas posições polares. (ALMEIDA FILHO, 2005)

Na citação anterior, depreende-se o olhar interdisciplinar do professor Almeida Filho, uma vez que inicia seu discurso abordando a língua estrangeira, pelo viés da Linguística, e o encerra com um tom pedagógico ao mencionar sobre a abordagem/filosofia empregada em salas de aula. Ao direcionar, também, seu olhar à questão pedagógica, Batista e Alarcón (2013)

afirmam que:

(...) a sala de aula de PLE precisa ser considerada, então, (como um lugar de cuidadosa e compreensiva interação social e movimentação da língua portuguesa, reconhecendo limitações e estados afetivos muito singulares que a todo momento podem afetar o processo de aquisição e ensino dessa língua-alvo. (BATISTA; ALARCÓN, 2013)

Para Mendes (2014), “é exigida do professor de PLE uma formação específica em Língua Portuguesa e o conhecimento de princípios de ensino de LE/L2”. Parece-me pertinente tal afirmação, haja vista as várias particularidades de origem linguístico-pedagógica que permeiam o campo de ensino em PLE.

Acredito, neste momento, ser bastante útil trazer a este trabalho o quadro contrastivo desenvolvido por Batista e Alarcón (2013), o qual sintetiza – de forma esclarecedora – as nuances de cada modalidade de ensino do português. Veja a seguir:

Quadro 1 - Quadro contrastivo entre o ensino convencional de PLM e PLE

| Ensino de português como LM | Ensino de português como LE |
|---|--|
| Ensino da gramática da língua. (Mesmo que o estudo da Linguística tenha contribuído para uma nova percepção da língua ligada à sociedade e suas variações linguísticas, e os PCNs atribuírem esse conceito para o ensino de PLM, impera em muitas escolas o ensino da gramática, porém alguns professores buscam formas de ensinar a gramática contextualizando em cada ambiente comunicativo.) | Ensino do uso da nova língua em pequenos contextos ilustrativos de como a língua funciona |
| Ensino de língua-padrão (norma culta) sem considerar a existência de variações | Ensino duma variante padrão de prestígio e variações regionais (da professora, p.ex) |
| Produção da escrita com leitura sem muita atenção à oralidade | Oralidade tem de ser instaurada. Leitura e escrita vão entrando conforme as necessidades |
| Adquirir conhecimentos estruturais (gramaticais) sobre a língua para que se aprenda a utilizá-la corretamente | Língua adquirida para fazer e reconhecer sentidos. |
| Inadequação de concepção de L como forma. Mais correção em exercícios pelas normas padronizadas | Adequação do uso da nova língua do ponto de vista sócio-histórico e cultural, pois nele a norma padrão é naturalmente adequada |

| | |
|---|---|
| Abordagem de ensino enraizada na tradição latina via análise lexical e sintática. Exercícios de análise de combinação das palavras em orações. Exercícios de interpretação textual sem abranger com amplitude os pontos de vista múltiplos das vozes em sala de aula. | Foco no aluno, cuidando de aspectos afetivos. Interesses dos alunos consultados. Estimulo a trabalhos em grupo via tarefas e projetos |
|---|---|

Conforme demonstrado anteriormente e consoante a Batista e Alarcón (2013), a formação profissional do professor de PLE parece ser ponto crucial para que uma língua estrangeira (LE) não seja ensinada como uma língua materna (LM). Contudo, cabe, aqui, indagar se a formação inicial, no curso de Letras, dá conta de fornecer conhecimento teórico e prático a seus professores aprendizes. De acordo com Almeida Filho (2005), não. O autor explana que o curso de Letras não é suficiente e é, menos ainda, quando esse não possui a disciplina específica de PLE. Mendes (2014) e Batista e Alarcón (2013) corroboram com o pensamento de Almeida Filho (2005) e reconhecem que esforços estão sendo feitos para que a disciplina de PLE esteja presente nos cursos de Letras. Ainda segundo Mendes (2014), duas Universidades brasileiras (UNB e UFBA) já possuem a disciplina e mais duas (UFRGS e UNICAMP) estão em processo de implantação; porém, nos dias atuais, são os cursos de pós-graduação que dão a formação específica ao professor de PLE.

3. *Uma possível formação para os professores de hoje*

Minha proposta de formação emerge da dissonância entre: o aumento da procura por professores de PLE e a falta, se alguma, de formação específica por parte desse profissional já em serviço. Alguns questionamentos poderiam ser delineados em busca de alguma resposta, como: onde o professor de PLE busca formação específica? Professores formados em Letras se sentem aptos a lecionar PLE? Como o professor de PLE se sente em relação ao professor de LM? Por que um professor de LM acaba por se tornar um professor de PLE?

A fim de responder a tais questionamentos, eu coaduno com a a ideia de António Nóvoa (2009) que sugere uma “formação do professor contruída dentro da profissão”. Essa teoria se fundamenta, segundo o autor, no excesso do discurso que acarreta a uma escassez de prática na formação inicial do docente. Acredito que tal teoria é oportuna na área do ensino de

PLE, uma vez que – como já dito anteriormente – poucas universidades possuem em sua grade curricular a disciplina específica de PLE, isto é, a formação específica atual do professor de PLE já está sendo engendrada no próprio local de trabalho.

Como deve ser essa formação? Na formação construída dentro da profissão, parece-me necessário que haja uma construção do *ser, da identidade* do professor de PLE haja vista que muitos professores formados não receberam, em sua formação inicial, nenhuma – ou pouca – formação específica de PLE, o que acaba por fazer com que muitos professores de português como língua materna não se vejam com professores de PLE. Portanto, na tentativa de solucionar tal desafio, proponho o conceito de Comunidades de Prática (CDPs) cunhado por Lave e Wenger (1991) que o definem como: “grupos de pessoas que compartilham uma preocupação ou uma paixão por alguma coisa que eles fazem e aprendem como fazer melhor à medida que se interagem regularmente”. Os autores ainda acrescentam: “é um grupo de pessoas que compartilham um desafio prático, e num contexto de interação regular, aprendem pelo e com o outro a como abordar o desafio que eles enfrentam. Em outras palavras, eles desenvolvem uma prática compartilhada”. Para mim, autor deste trabalho, as CDPs se apresentam como uma saída possível para os professores de PLE que estão “in-service (em serviço)”, pois: a) devido à ausência da disciplina de PLE na maioria dos cursos de Letras, as CDPs se configuram em uma aprendizagem teórico-prática pertinente; b) mediante à necessidade de professores de PLE em rápida e grande escala, as CDPs conferem uma agilidade no ensino–aprendizagem, uma vez que o professor-aprendiz está *in loco*; c) Como o PLE é uma área relativamente nova, as CPDs podem fortalecer a tenra identidade do grupo de professores de PLE por proporcionar que seus membros mais novos aprendam com os mais velhos e que, futuramente, membros mais jovens com papéis periféricos desempenhem papéis mais centrais.

Anexado a este trabalho, foi elaborada por mim uma proposta de formação de professores em PLE. Essa formação pode, a meu ver, ser oferecida de duas maneiras: (i) como um curso de formação com uma duração específica, (ii) uma formação contínua em formato de reuniões semanais ou mensais.

4. Considerações finais

Este trabalho tentou demonstrar de forma prática e esclarecedora qual seria uma possível ação para solucionar o seguinte questionamento: “Como formar o professor de PLE *hoje?*”. Vale salientar que o autor deste artigo acredita que as grades curriculares da formação inicial devem ser revisitadas; porém, a alteração de grade curricular leva um certo tempo – principalmente nas universidades públicas – que não acompanha a demanda atual de professores de PLE.

Sendo assim, busquei uma solução emergencial para que haja professores formados especificamente em PLE. Futuros trabalhos podem corroborar com a formação de PLE na formação inicial, o que acredito ser o caminho mais adequado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, JCP. Ensino de português língua estrangeira/EPLÉ: a emergência de uma especialidade no Brasil. In: LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., (Orgs). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 723-728.

_____. *Linguística Aplicada, ensino de línguas e comunicação*. Campinas: Pontes, 2005.

_____. *Português como língua não-materna: concepções e contexto de ensino*. Acervo Digital do Museu da Língua Portuguesa. 2005. Disponível em: <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_4.pdf>. Acesso em 22 de agosto de 2018.

NÓVOA, A. *Professores Imagens do Futuro Presente*. Lisboa, Portugal, 2009.

BATISTA, M. C.; ALARCÓN, Y. G. L. Especificidades do Ensino de PLE. In: *Revista SIPLE*. Ano 3, n. 1, 2013.

MENDES, E. *O Ensino do Português como Língua Estrangeira (PLE): Desafios, Tendências Contemporâneas e Políticas Institucionais*. Horizontes do Saber Filológico. Editora Universitária Sveti Kliment Ohridski Sófia, 2014.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. *Situated learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

ANEXO A

CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM PLE

1 NOME DO CURSO E ÁREA DO CONHECIMENTO

1.1 Denominação do Curso: curso de extensão

1.2 Área do Conhecimento: linguística aplicada

1.3 Modalidade de Oferta: presencial

1.4 Caracterização: prático-teórico-prático

1.5 Número mínimo de vagas: 20 por turma

1.6 Metodologia: metodologias ativas

1.7 Local Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul

1.8 Material material impresso quando requisitado pelo professor

1.9 Professores com experiência em PLE

2 PROCEDIMENTOS LEGAIS DO CURSO

2.1 Critério de Seleção

Entrevista

2.2 Sistema de Avaliação

Plano de aula final

2.3 Controle De Frequência

O controle de frequência será realizado pelo professor de cada disciplina e o aluno deverá obter pelo menos 75% (setenta e cinco por cento) de participação para conseguir a aprovação.

2.4 O Plano de Aula Final

O aluno deverá entregar impresso e somente será aprovado se obter nota igual ou superior a 7,0 (sete), e deverá ser feito individualmente. O

modelo do plano de aula será fornecido pela equipe pedagógica do curso.

2.5 Certificação

Para obtenção do Certificado de extensão pelo NEPPE e UEMS, os alunos deverão ter sido aprovados no plano de aula final com nota mínima de 7,0 pontos.

3 PÚBLICO ALVO

Graduados em Letras

4 OBJETIVOS

Habilitar professores graduados em Letras a trabalhar com Português como Língua Estrangeira, visando promover a formação continuada, com senso crítico refinado, bem como, formar profissionais capazes de solucionar problemas em sua área.

5 COORDENAÇÃO DO PROGRAMA

A coordenação acadêmica estará a cargo do Professor Dr. João Fábio Sanches Silva.

6 CARGA HORÁRIA

A carga horária deste curso é de 30 horas/aulas, distribuídas em sala de aula e atividades extra sala de aula.

7 PERÍODO E PERIODICIDADE

O curso de extensão de “Formação de Professores em PLE” ocorrerá no período de novembro de 2018 a novembro de 2020, sendo que as aulas acontecerão, via de regra, aos sábados das 08h às 11h e das 14h às 17h. Serão ao todo, cinco encontros.

8 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

O curso de extensão está dividido em disciplinas práticas e teóricas.

| EIXO ESPECÍFICO | |
|---------------------------------------|----------------------|
| DISCIPLINAS | CARGA HORÁRIA |
| Apresentação geral do curso (teórico) | 1h |

| | |
|--|------------|
| Observação inicial de aula (prático) | 2h |
| Especificidades do ensino de PLE (teórico) | 5h |
| Português como LE/L2 (teórico) | 5h |
| Metodologias para o ensino de PLE (teórico) | 5h |
| Identidades, Superdiversidade, Transculturalidade e Cidadania Global (teórico) | 5h |
| O professor de PLE (prático) | 4h |
| Observação final de aula (prático) | 2h |
| Apresentação do plano de aula final (prático) | 1h |
| Carga Horária Total | 30h |

REFERÊNCIAS DAS DISCIPLINAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Ensino e Aprendizagem de Português como LE e L2: Fundamentos de Abordagem e Formação. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Fundamentos de Abordagem e Formação no ensino de PLE e de Outras Línguas*. Campinas: Pontes, 2011.

ALMEIDA FILHO, JCP. Ensino de português língua estrangeira/EPL: a emergência de uma especialidade no Brasil. In: LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., (Orgs). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 723-728.

BARBIRATO, R. C.. Planejamentos temáticos baseados em tarefas: focalizando a comunicação na sala de aula. In: SILVA, K. A.; ALVAREZ, M. L. O. (Org.). *Perspectivas de Investigação em Linguística Aplicada*. Campinas: Pontes, 2008, p. 359-372.

BARBOSA, L. M. de A. *O conceito de Lexicultura e suas Implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira*. *Filol. linguíst. port.*, n. 10-11, p. 31-41, 2009.

BATISTA, M. C.; ALARCÓN, Y. G. L. Especificidades do Ensino de PLE. In: *Revista SIPLE*. Ano 3, Nº 1, 2013.

BLOMMAERT, J. Citizenship, language and superdiversity: towards complexity. *Journal of Language, Identity and Education*, v. 12, n. 2, p. 193-196, 2013.

_____. *Ethnography, Superdiversity and Linguistic Landscapes: Chronicles of Complexity*. Bristol, UK: Multilingual Matters, 2013.

Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

COPE, B. KALANTZIS, M. *Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures*. Routledge: London, 2000.

CUNHA, J. C. C.; SANTOS, E. M. *A heterogeneidade linguístico-cultural em turmas de Português Língua Estrangeira*. Raído, Dourados, MS, v. 7 , n. 13, p. 111-24 jan./jun. 2013.

GARCÍA, OFELIA. 2009. *Bilingual education in the 21st century: a global perspective*. Malden, MA and Oxford: Basil/Blackwell.

MENDES, E. *A Ideia de Cultura e sua Atualidade para o Ensino-aprendizagem de LE/L2*. EntreLínguas, Araraquara, v. 1, n. 2, p. 203-21, jul./dez. 2015.

MENDES, E. Ensino e formação de professores de português como língua de herança (PLH): Revisitando ideias, projetando ações. In: CHULATA, K. A. *Português como língua de herança: Discursos e percursos*. Lecce: Pense Multimedia, 2015. Cap. IV, p. 79-100

MENDES, E. *O Ensino do Português como Língua Estrangeira (PLE): Desafios, Tendências Contemporâneas e Políticas Institucionais*. Horizontes do Saber Filológico. Editora Universitária Sveti Kliment Ohridski Sófia, 2014.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

VERTOVEC, S. *Super-diversity and its implications*. Ethnic and Racial Studies, v. 29, n. 6, p. 1-42, 2007.